

DA AUTORA DE  
*PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN*

intrínseca

# LIONEL SHRIVER



---

---

A NOVA REPÚBLICA

---

---



A NOVA REPÚBLICA



LIONEL SHRIVER

# A nova república

TRADUÇÃO DE  
Vera Ribeiro



Copyright © 2012 Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL  
The New Republic

REVISÃO  
Taís Monteiro  
Tamara Sender

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S564n

Shriver, Lionel, 1957-

A nova república / Lionel Shriver ; tradução Vera Ribeiro. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

384 p. ; 23 cm.

Tradução de: The new republic

ISBN 978-85-8057-631-3

1. Romance americano. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

14-16018

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para Sarowitz, é claro —  
a quem devo há muito uma dedicatória exclusiva*





*Minha experiência com jornalistas me autoriza a registrar que inúmeros dentre eles são ignorantes, preguiçosos, dogmáticos em suas opiniões, intelectualmente desonestos e insuficientemente supervisionados (...). Eles têm imenso poder, e muitos são extremamente irresponsáveis.*

— Conrad Black

*A linguagem política (...) foi concebida para fazer as mentiras soarem verdadeiras e o assassinato, respeitável, e para dar uma aparência de solidez a puras bolhas de ar.*

— George Orwell



## NOTA DA AUTORA

Escrito entre *Dupla falta* e *Precisamos falar sobre o Kevin*, *A nova república* foi concluído em 1998. Naquela época, meu histórico de vendas era um horror. E, o que talvez seja mais importante, meus compatriotas norte-americanos, em sua maioria, descartavam o terrorismo como um Problema Chato dos Estrangeiros. Não consegui despertar interesse pelo manuscrito em nenhuma editora dos Estados Unidos.

Em pouco tempo, essas duas fontes de desincentivo desapareceram. Minhas vendas melhoraram. Depois do 11 de Setembro, os norte-americanos ficaram *muito* interessados no terrorismo, para dizer o mínimo. Por isso, durante anos após a calamidade em Nova York, fui obrigada a manter o romance na gaveta, porque um livro que tratasse dessa questão com um toque de leveza seria considerado de mau gosto.

Mas o tabu parece haver chegado ao fim. As sensibilidades se robusteceram. Tenho esperança de que este romance — cujos temas só se tornaram mais contundentes desde que ele foi escrito — possa agora ser lançado sem causar melindres. Apesar de revisado com o olhar frio da distância, o livro está sendo publicado mais ou menos como o escrevi originalmente, com um pequenino e irresistível acréscimo no epílogo, que os leitores reconhecerão de imediato.





OCEANO  
ATLÂNTICO

○ Porto

**PORTUGAL**

○ Madri

○ Lisboa

ESPANHA

○ Sevilha

**BARBA**

GOLFO  
DE BARBA

Cinzeiro

MAR MEDITERRÂNEO

**MARROCOS**



## CAPÍTULO I

### *Menção honrosa*

Chispando para seu apartamento na Rua 89 Oeste, Edgar Kellogg esquivou-se, querendo evitar o contato visual com um porteiro que ao menos recebia um pagamento regularmente. Caminhava com passos rápidos e tensos, os ombros recurvados. Sem ter como pagar o aluguel do mês seguinte, deu uma espiada ansiosa na luz indicadora do elevador que estava parada no doze, como se pudesse ser preso a qualquer momento. A etapa seguinte seria estourar o limite dos cartões de crédito. Aquele lugar costumava lhe dar um tremendo barato. Agora que não podia bancar o aluguel, o barato vinha saindo caro e, batendo o pé com o sapato de couro de cabra que já vira dias melhores, ele calculou, abatido, que cada dia naquele endereço idiota lhe tirava noventa paus. Esperar um cheque de cento e setenta e cinco dólares da *Amoco Traveler* era como tentar tirar água de um barco com um conta-gotas, enquanto o mar frio jorrava por um rombo do tamanho de uma galocha.

Já no décimo nono andar, Edgar lançou um olhar para o que era, em essência, um quarto e sala de mobiliário chique, mas cujo serviço de limpeza fornecido pela administração fora um dos primeiros luxos a serem cortados. Mal tinha dado dez da manhã e Edgar já estava de olho comprido nos Doritos na bancada. Uma coisa que não previra no tocante ao “home office”

havia sido a Síndrome do Petisco; nos últimos tempos, sua energia mental se dividia igualmente entre sua nova carreira (preocupar-se com dinheiro, o que era um substituto perfeito de ganhá-lo) e o propósito de não se empanturrar. Caramba, estava virando uma garotinha, e logo, logo, estaria inventando sanduíches abertos de bolachas integrais Ryvita com tomate-cereja (só vinte e cinco calorias!). Esse pensamento lhe veio como um baque: *Isto não está dando certo*. Logo em seguida: *Cometi um erro terrível*. E, já que ele nunca fora chegado a rodeios: *Eu sou um babaca*.

Não era o tipo de pensamento positivo que os manuais recomendavam para quem estava quase chegando a uma entrevista de emprego, em cuja preparação Edgar tinha se mantido longe das latas de cerveja e aberto o *National Record*. Com horas de antecedência, sua concentração já vacilava. Captando lampejos estroboscópicos de palavras soltas, seus olhos correram por um artigo sobre terrorismo: nos últimos tempos, era novidade não haver nenhum caso. Mais abaixo: um correspondente havia sumido fazia três meses. Em suma: continuava desaparecido. Se o sumido não fosse um repórter, essa “matéria” nunca teria saído, muito menos na primeira página. Afinal, se Edgar Kellogg desaparecesse amanhã, era pouco provável que o *Record* divulgasse atualizações frenéticas sobre a busca contínua por um advogado em aposentadoria precoce, transformado em um freelance zé-ninguém. Na gíria da sua nova carreira, “freelance” parecia ser o jargão dos entendidos para designar “desempregado” e, quando ele resmungava a palavra diante de seus conhecidos, eles davam risinhos de chacota.

Mesmo assim, em vez de se informar sobre os acontecimentos atuais, Edgar estava, mais uma vez, buscando compulsivamente uma reportagem de Tobias Falconer. O engraçado era que, quando encontrava alguma, não a lia. E isso era típico. Fazia anos que ele pegava aquele jornal opressivamente sério, de letrinha miúda — um dos últimos baluartes de austeridade que se recusava a adotar cores —, apenas para localizar as matérias de Falconer, embora raras vezes conseguisse submeter-se a lê-las. Ele nunca tentara identificar o que temia.

Desabando no sofá acolchoado de veludo cotelê, Edgar rendeu-se à reflexão sem compromisso que, por sorte, dez anos frenéticos de Wall Street haviam evitado. Durante todo aquele tempo, a eletrizante assinatura de Toby Falconer provocara choques em Edgar, com correntes alternadas de inveja e saudade que confundiam, mas viciavam. Esses pequenos picos de energia lhe



davam arrepios no couro cabeludo, mas ler matérias inteiras seria como enfiar os dedos na tomada. Sendo assim, por que comprar o jornal? Por que monitorar a carreira de um homem que ele não via havia vinte anos e que era um traidor, cujo próprio sobrenome o fazia se encolher?

Por outro lado, as venturas de Falconer tinham sido fáceis de acompanhar. Primeiro como correspondente do *U.S. News and World Report*, depois, seminalmente, do *National Record*, ele enviava suas reportagens peripatéticas de Beirute, Belfast ou Sarajevo. Em mais de uma ocasião havia conquistado prêmios por matérias especialmente arriscadas ou negligenciadas até aquele momento, e esses prêmios enchiam Edgar de uma intrigante mistura de irritação e orgulho. Edgar, é claro, havia escolhido a ocupação mais lucrativa. Para seu desespero, no entanto, tinha descoberto como era pequeno o valor do dinheiro, quando não servia para livrar o sujeito de se esfalhar desde as sete da manhã em um escritório de advocacia que ele execrava. “Bem-remunerado” era um termo oportuno, embora, no final, ele não conseguisse imaginar nenhuma quantia tão vultosa que pudesse realmente compensar as doze ou treze horas de cada dia da semana jogadas no lixo.

Ao se livrar de sua carreira “promissora” no direito corporativo (se bem que o que ela prometia, é claro, era mais direito corporativo), a fim de arriscar a sorte no jornalismo, seis meses antes, Edgar havia relutado em examinar até que ponto essa reinvenção impetuosa e financeiramente suicida teria sido influenciada por seu velho parceiro inseparável do ensino médio — ele que, tendo sempre conseguido os amigos mais divertidos, as garotas mais bonitas e os empregos mais legais nas férias de verão, naturalmente havia garantido a vocação mais descolada. Se, com o tempo, Toby Falconer e Edgar Kellogg tinham se sentido atraídos pelo jornalismo, talvez essa convergência indicasse apenas que os dois garotos haviam tido mais em comum no ensino médio do Colégio Yardley do que Edgar jamais se atrevera a acreditar quando garoto.

Nem sonhando. Imaginar que ele tivera alguma semelhança com Falconer na adolescência era tão presunçoso que chegava a ser utópico. Toby Falconer era um exemplo único. Sem dúvida, toda escola tinha um, embora o singular fosse incongruente como exemplar típico; presumivelmente, não haveria ninguém igual a ele.

Um Falconer era o tipo de sujeito de quem os outros não conseguiam parar de falar. Tinha o dom de ser o centro das atenções quando nem estava presente. Sempre ficava com as garotas, porém, mais importante, com a ga-

rota. Fosse quem fosse a gata imaginada por você com a porta do banheiro fechada, ela se encantaria com o nosso herói. Sempre dava para herdar um pouco do prestígio, é claro, mas, se você andasse muito com um Falconer, passaria a maior parte dos seus encontros respondendo a perguntas das garotas sobre a infância problemática dele. A liberdade de um Falconer era quase perfeitamente irrestrita, porque ele nunca era punido por seus pecados. E, de qualquer modo, os pecados de um Falconer não pareceriam depravados, mas meramente travessos, gozadores ou até encantadores, na verdade — parte do pacote sem o qual um Falconer não seria aquele malandro cativante que a gente conhece, ama e perdoa indefinidamente. E, além disso, quem se arriscaria a desagradá-lo, cobrando-lhe satisfações? Ele fazia tudo com estilo, não só por ter desenvoltura social, mas porque a definição de estilo, em seu círculo, era o jeito de Falconer fazer o que quer que Falconer fizesse. Era impossível determinar até que ponto o magnetismo de um Falconer podia ser atribuído à beleza física. Boa aparência não faria mal, mas, se um Falconer tivesse qualquer traço desviante — um nariz encaroçado ou sobrelanceada contínua —, esse traço simplesmente serviria para reconfigurar o arquétipo do belo. Falconer ditava o padrão, de modo que, por sua própria natureza, não podia parecer feio, nem tecer comentários francamente idiotas, nem fazer alguma coisa desajeitada de que os outros rissem, a não ser com um espírito fervoroso, cúmplice ou bajulador.

Até então, Edgar tinha sido o homólogo de Falconer, aquela criatura simbiótica sem a qual um Falconer não poderia existir. Os muito admirados precisam dos admiradores e, para desalento próprio, Edgar tinha se candidatado mais de uma vez a esse posto. Embora preferisse o papel de grande astro do campus se o cargo estivesse dando sopa, vivia preso num eterno impasse: na ânsia de ser admirado, estava fadado a admirar outras pessoas que fossem admiráveis. O que fazia dele, necessariamente, um tiete.

Até aquele dia, a única arma que havia derrubado a tirania de um Falconer fora a desilusão cruel e disciplinada. Por vezes, um Falconer se revelava uma fraude. Eis que podia mostrar-se desajeitado, se você permanecesse atento. No fim, caso se esforçasse, era inteiramente possível rir dos defeitos dele, de um modo que não chegava a ser lisonjeiro. Abrir o olho era doloroso no começo, embora também fosse um alívio, e, no final das contas, Edgar ficaria sozinho, mas livre. No entanto, abaixar um pouco a bola do ungido era um exercício intrigante, até mesmo deprimente, e em razão disso Edgar reservava suas de-

núncias mais virulentas justamente para as pessoas com quem mais havia se extasiado um dia.

A conduta pública de Edgar — brusco, durão, desconfiado e de ar impassível — era tremendamente discrepante de sua queda secreta por se deixar captivar pelos Falconers que passassem, e, no íntimo, ele tinha medo de que todo o propósito dessa carapaça fosse conter um interior totalmente meloso. Ele não suportava pensar em si mesmo como um coadjuvante. Ter se encantado servilmente com qualquer tipo de ídolo envergonhava-o quase tanto quanto já ter sido gordo. Por isso, dentre suas várias ambições, aos trinta e sete anos, a mais dominante era nunca voltar a sucumbir ao feitiço de um Falconer.

Fora exatamente no bojo dessa resolução que Edgar Kellogg saíra marchando do escritório de advocacia Lee & Thole, seis meses antes, decidido a despir o Burberry insípido do zé-ninguém excessivamente bem pago. Vestiria enfim o manto mais grandioso do líder, do criador de tendências, do ícone cultural. E foi tomado por essa mesma determinação que partiu para sua entrevista de emprego às quatro da tarde no *National Record*. Estava farto de ser O Tiete. Queria ser O Cara.

---

---

“A COMPREENSÃO DE SHRIVER DOS SEUS  
CONTERRÂNEOS É ÍNTIMA E IMPASSÍ-  
VEL... ELA CONSEGUE FAZER COM QUE  
OS PERSONAGENS FIQUEM PARA SEM-  
PRE NA IMAGINAÇÃO DOS LEITORES.”

— *THE NEW YORK TIMES*

---

“UMA PROSA PRECISA E DINÂMICA, A ES-  
CRITA DE SHRIVER É QUASE COMO JOR-  
NALISMO LITERÁRIO.”

— *LOS ANGELES TIMES*

---

“UM ROTEIRO MAGNÍFICO, EXTREMA-  
MENTE ENGRAÇADO. SHRIVER É MES-  
TRE DA MISANTROPIA.”

— *TIME*

---

“LIONEL SHRIVER É UMA ESCRITORA MOR-  
DAZ E ICONOCLASTA. SEUS PERSONAGENS  
GOSTAM DE COMPETIR E PROVOCAR.”

— *THE NEW YORKER*

---

“A AUTORA É CORAJOSA EM SUA RECUSA  
A ESCREVER SOBRE GENTILEZA, E EM  
LANÇAR MÃO DE PERSONAGENS SEM  
TRAÇOS DE REDENÇÃO.”

— *THE TELEGRAPH*

---

“SHRIVER NÃO SE INTIMIDA DIANTE DE  
ASSUNTOS COMPLEXOS.”

— *THE INDEPENDENT*



---

“COM DIÁLOGOS VIGOROSOS E UMA  
NARRATIVA ATRAENTE, SHRIVER  
OFERECE RAPIDAMENTE O ESBOÇO  
PERSPICAZ DE UM PERSONAGEM EM  
UMA FRASE, E SEU OLHAR SE MOSTRA  
AFIADO PARA O QUE É ARTIFICIAL OU  
AFETADO, OU ATÉ PARA O COMOVEN-  
TAMENTE VÃO NO COMPORTAMENTO  
HUMANO.”

— *ENTERTAINMENT WEEKLY*

